



INFORMATIVO

O TUIUTI



**HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

520 anos do Descobrimento do Brasil – 440 anos da União das Coroas Ibéricas – 270 anos do Tratado de Madri – 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II – 150 anos do final da Guerra do Paraguai – 90 anos da Revolução de 1930 – 75 anos da vitória da FEB na Itália
ANO 2020 **Maio** **Nº 347**

RONDON – O ADMIRÁVEL SERTANISTA MATOGROSSENSE QUE EM MEIO SÉCULO DE ATIVIDADES NO SERTÃO UNIU O BRASIL PELO TELEGRÁFO, TRABALHOU EM FAVOR DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS E É O PATRONO DA ARMA DE COMUNICAÇÕES DO EXÉRCITO BRASILEIRO.

NYLSON REIS BOITEUX - Coronel Reformado do Exército.

Diplomado pela Escola de Comando e de Estado Maior do Exército
Vice-Presidente do Instituto Projeto Rondon/MS.

O dia 05 de maio de 1865 em Santo Antônio do Leverger/MT, assinala a data de nascimento de Rondon – o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon - personalidade admirável em que se somam as mais altas qualidades humanas, enobrecendo o nosso antigo Mato Grosso, este portentoso Mato Grosso, elevando os atributos de patriotismo e de amor a terra. De origem humilde, órfão ainda na infância. Devotado à doutrina do Positivismo de Augusto Comte que a tinha como religião orientadora de sua vida e se pautava pelo lema: “O amor por princípio a ordem por base e o progresso por fim”.

O seu trabalho em favor das populações indígenas, como árbitro em questões de fronteiras e pelo aspecto humanitário que imprimiu ao trabalho da Comissão das Linhas Telegráficas, quando ligou o Brasil de ponta a ponta conquistou para nossa nacionalidade homens, terras, e rios, numa penetração de 26 mil km através de terras descobertas, mas que figuravam nos mapas como “desconhecidas”.

Foi alfabetizado entre a idade de 7 a 8 anos e completou a educação secundária aos 16 anos em Cuiabá mostrando-se sempre um aluno de inteligência viva, bem acima da média. Recusou um lugar de Professor, preferindo alistar-se como soldado no 3º Reg Art Cav em Cuiabá. Embarcou a 02 de dezembro de 1881 com destino ao Rio de Janeiro e ao chegar nessa cidade foi mandado ficar adido ao 2º Reg Art Cav e foi incluído na 4ª Bateria da Unidade, sob o Comando do Capitão Hermes da Fonseca como soldado e estudante.

Preparou-se para o concurso de admissão na Escola Militar e em 1886 já era Cadete Republicano, muito influenciado por Benjamin Constant que liderava a juventude militar e era o principal articulador da queda da Monarquia. Rondon tomou parte

ativa em dois movimentos cívicos que, logicamente, se vincularam: a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República.

Quando já Major, o Engenheiro Militar Rondon, que tinha acabado de completar 35 anos de idade, foi nomeado Chefe da Comissão de Construção da Linhas Telegráficas, em 1900. A Missão principal desta Comissão era estender a comunicação à Selva Amazônica. O trabalho de Rondon no interior do Brasil não seria apenas o de Chefe de um Departamento Técnico-Militar, mas construir uma imensa rede de comunicação telegráfica numa distância tão grande que poderia ligar Lisboa (Portugal) a Varsóvia (Polônia) e dirigir pesquisas importantes para a História Natural (Botânica e Geologia) e a Etnologia em regiões selvagens. Além disso deveria agir como pacificador entre tribos indígenas que estavam em beligerância contra os brancos ou outras tribos. Essa grandiosa missão recebida, acrescida posteriormente, caracterizou-se como uma das mais relevantes na sua missão de sertanista.

Certo dia seus homens foram atacados pelos índios Nambiquaras que despejaram sobre o pessoal de Rondon uma chuva de flechas envenenadas. Era o dia 02 de outubro de 1907. Rondon escapou por pouco. Os soldados da expedição, bem armados se prepararam para responder ao ataque dos índios. Rondon, no entanto, jogou seu rifle no chão e ordenou aos seus subordinados que fizessem o mesmo, a fim de demonstrarem as intenções pacíficas da missão. Os índios entenderam o gesto da tropa. Os mais civilizados se retiraram deixando presentes para o pessoal de Rondon. Isso foi início de uma série de contatos que, em pouco tempo, determinaram a completa pacificação dos Nambiquaras.

Rondon, proibindo a represália, fez valer o seu lema adotado ao penetrarem na terra dos índios que instituíam o risco de vida em troca de benevolência: "MORRER, SE PRECISO FOR; MATAR, NUNCA".

Viajou acompanhado de geólogos, antropólogos e botânicos que iam realizando levantamentos científicos do nosso Brasil. O internamento voluntário de Rondon nas selvas do Brasil durou meio século. Tal penetração, no mapa, praticamente foi uma segunda grande descoberta, equivalente ao território da França. Teodoro Roosevelt, de regresso a uma expedição que participou com Rondon na selva amazônica, disse em entrevista a um jornal em New York:

"O Cel Rondon tem, como homem, todas as virtudes de um sacerdote, é um puritano de uma perfeição inimaginável na época moderna e, como profissional, é tamanho cientista, tão grande é o seu conjunto de conhecimentos, que se deve considerar um sábio". A América pode apresentar ao mundo duas realizações cíclicas: Ao Norte o Canal do Panamá, ao Sul o trabalho de Rondon: científico, prático e humanitário. Um povo que tem filhos desta ordem há de vencer. O século XX pertence-lhe".

Pela grandeza de RONDON, ele se tornou o paradigma dos que o elegeram PATRONO DA ARMA DE COMUNICAÇÕES e que o Decreto número 51.960, de 26 de abril de 1963, houve por bem homologar. Há no desempenho do notável Marechal Rondon atividades peculiares às Comunicações, farto e belos exemplos para os militares dessa Arma, tais como: resistência física, a coragem, o espírito de sacrifício a tenacidade na execução das missões por vezes árduas e longas. E mais que tudo, isso num amplo sentido, a integração nacional, realizando, ao mesmo tempo, obra de geografia geral e um trabalho para o Brasil de profunda significação cívica e social

Bibliografia:

- "BIOGRAFIA DOS MAIORES VULTOS DO BRASIL" – Prof. Eduardo P. C. de Vasconcelos – Livraria Francisco Alves- 1937-RJ.
- OS PATRONOS DAS FORÇAS ARMADAS - DR. OLYNTHO PILLAR – Gen Div R/1 – Biblioteca do Exército – Editora – RJ – 1966.
- Arquivo e Biblioteca do Autor.

SOBRE O AUTOR:

NYLSON REIS BOITEUX

- MESTRE EM ARTE DA GUERRA;
- DOUTOR EM CONHECIMENTOS E ESTUDOS MILITARES; e
- ENDEREÇO: RUA GAMELEIRA Nº 70, CARANDÁ BOSQUE II - CAMPO GRANDE – MS - CEP: 79 032 – 370
E-MAIL: mgracalb@hotmail.com

Campo Grande/MS, 30 de abril de 2020.

DIA DO MARECHAL RONDON

5 DE MAIO

Dia do Estado de Rondônia

Decreto nº 434 de 26 de março de 1965

Patrono da Arma de

Comunicações o Marechal

Cândido Mariano da Silva Rondon

Decreto nº 51.960, de 26 de abril de 1963

Patrono Nacional das Comunicações

Autorização da Presidência da República
de 27 de abril de 1971



AHIMTB RJ
Delegação de Portugal



A Princesa Isabel e a libertação dos escravos

Armando Alexandre dos Santos (*)

Estão sendo dados, no âmbito da Arquidiocese do Rio de Janeiro, os passos preliminares para a futura abertura do processo de beatificação da Princesa Isabel (1846-1921), Princesa Imperial e herdeira do trono do Brasil. Três vezes a Princesa regeu *de facto* o Império, durante viagens de seu pai, o Imperador D. Pedro II, pela Europa, ao Oriente Próximo e aos Estados Unidos. No total, esteve à testa do Império brasileiro durante três anos e meio e pode ser considerada a primeira mulher a efetivamente exercer no Novo Mundo uma chefia de Estado.

Era enérgica, de personalidade forte, extremamente inteligente e muito determinada - desde jovem - a fazer tudo o que a Constituição Imperial lhe permitisse para eliminar a vergonhosa chaga da escravidão no Brasil. Mas era, também, muito realista e sabia que esse passo não poderia ser precipitado; pelo contrário, precisava ser preparado com os devidos cuidados, para evitar que o remédio - como se diz na linguagem popular - não fizesse mais mal que a doença.

De fato, a Princesa Isabel conhecia bem a situação dos negros no Brasil e, com profundo senso de realidade, queria para eles o melhor. O melhor, no caso, não seria uma libertação açodada, mas uma libertação que fosse preparada cuidadosamente e que, depois, fosse acompanhada de medidas adequadas para a inserção condigna dos libertos na sociedade brasileira. Com muita lucidez, a Princesa se colocava diante de um problema muito sério: qual seria o "day after" dos negros, uma vez libertados do cativeiro? Habitados a muitos séculos de escravidão, primeiro no continente africano de origem, depois no Novo Mundo, o que lhes aconteceria se de repente se vissem livres, responsáveis pelos seus atos e tendo que prover por sua própria iniciativa ao suprimento de suas necessidades? Como se daria a adaptação à vida livre, de quem carregava consigo o peso atávico de uma tão prolongada servidão, ainda mais no contexto de uma sociedade que conservaria costumes e hábitos mentais profundamente impregnados da mentalidade escravagista? Como fazer a emancipação total dos escravos, sem prolongar sua triste condição de dependência e subserviência disfarçada sob as aparências de uma liberdade meramente *pro forma*?

Todo esse conjunto de questões a Princesa tinha bem presente em seu espírito, e em função dele procurava adequar sua estratégia política. O mesmo, aliás, fazia seu pai, o Imperador. A opção imperial pela emancipação por etapas se adequava a essa estratégia. Primeiro, a proibição do tráfico negreiro, em 1850, quando a Princesa era ainda menina de 4 anos; depois, a Lei do Ventre Livre (sancionada pela Princesa em 1871, durante seu primeiro período de Regência); algum tempo depois, a Lei dos Sexagenários (sancionada pelo Imperador em 1885); e, por fim, a Lei Áurea, que, num clima de grande entusiasmo popular, aboliu definitivamente a escravidão no Brasil. Quando, no dia 13 de maio de 1888, a Princesa assinou a Lei Áurea, os escravos afinal libertados constituíam apenas uma minoria dos afrodescendentes. Somente 16 % dos descendentes de escravos aqui trazidos pelo tráfico negreiro, durante mais de 300 anos, ainda eram escravos naquele momento. 84 % já estavam emancipados, ou em virtude das leis abolicionistas anteriormente promulgadas, ou por efeito do trabalho emancipador lento, mas constante, benemérito e bem sucedido, das tradicionais Irmandades

de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, presentes e atuantes em todo o Brasil. O papel dessas confrarias foi muito bem estudado pelo Prof. Caio César Boschi, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Portuguesa da História, e pela Profa. Antônia Quintão dos Santos Cezerilo, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Uma das táticas desenvolvidas pela Princesa para facilitar a integração condigna e justa dos antigos escravos na dinâmica social e econômica do Brasil foi o incentivo ao ensino profissionalizante, novidade que um sacerdote e educador lançara alguns anos antes em Turim, no Norte da Itália, e que a Princesa desejou logo pôr em prática no Brasil.

São João Bosco (1815-1888), fundador da Congregação Salesiana, foi sem dúvida um dos maiores e mais completos pedagogos que já existiram em toda a História. O "método preventivo" - proposto por ele como alternativo ao excessivamente severo e por vezes cruel "método repressivo", que era costumeiro na educação infanto-juvenil - até hoje impressiona os estudiosos de Pedagogia.

Nascido perto de Turim, em 1815, e falecido nessa mesma cidade em 1888, Dom Bosco foi um verdadeiro amigo da juventude, à qual consagrou o melhor de sua longa e fecunda existência. Dotado de carismas extraordinários, desenvolveu um sistema pedagógico inovador e conseguiu reunir em torno de si um prodigioso movimento de apostolado. Embora sem recursos econômicos, conseguiu executar projetos grandiosos em várias nações. Fundou duas congregações religiosas e um grande número de colégios, para a educação de meninos pobres. Foi precursor do ensino profissionalizante, modelo que depois se generalizou em vários países.

No início do século XIX, o processo de industrialização da Europa atraía para os maiores centros urbanos muitas famílias provenientes do meio rural. Ali, desenraizadas e sem formação religiosa e cultural adequada, viviam em condições precárias. Os homens trabalhavam em fábricas, com turnos de trabalho pesadíssimos, e muitas vezes gastavam em bebidas, nas tabernas, boa parte do que ganhavam. As mulheres cuidavam como podiam das casas e dos filhos menores, enquanto os mais crescidos, sem escolas nem formação adequada, andavam pelas ruas, aprendendo o que não deviam. O resultado é que assim se constituía o caldo de cultura ideal para desajustes sociais e vícios de todos os tipos. A criminalidade era crescente e tendia a escapar ao controle das autoridades.

Esse era o quadro geral das cidades maiores e mais industrializadas. Em Turim, capital do Reino do Piemonte, era o que presenciava o jovem sacerdote João Bosco. As ruas viviam cheias de meninos de rua, abandonados e entregues ao léu. Para esses meninos, que no dialeto piemontês eram designados como "birichini", Dom Bosco¹ passou a proporcionar boa formação religiosa, cultural e profissionalizante. Reunia-os em grandes concentrações, denominadas "oratórios", e ali lhes ministrava aulas de formação, ao mesmo tempo que jogos e diversões. Daqueles candidatos a futuros marginais, conseguia extrair todo o potencial humano que possuíam. Deles fazia ótimos pais de família, trabalhadores honestos e eficientes e encaminhava os mais dotados para os estudos superiores e as profissões liberais. Entre eles, também recrutava seminaristas e futuros sacerdotes.

¹ "Dom" é o tratamento corrente usado na Itália para os sacerdotes, os anciãos e outras pessoas dignas de especial respeito. Vem do latim "dominus", que significa senhor. Mesmo depois de canonizado São João Bosco, os membros da Congregação Salesiana, que ele fundou, continuam a se referir a ele, carinhosamente, como "Dom Bosco", da mesma forma como o chamavam enquanto estava vivo.

A obra de Dom Bosco começou modesta e foi, pouco a pouco, crescendo e assumindo vulto grandioso. Sofreu perseguições políticas, teve em seu encalço invejosos, mas a tudo venceu. Os últimos anos de sua vida foram cercados de respeito e consideração gerais, pois sua fama havia ultrapassado muito os limites do Piemonte. Embora visasse, acima de tudo, o trabalho de formação dos meninos pobres, acabou exercendo enorme influência na vida social e política da época, sendo conselheiro de reis, de homens públicos e de papas. Dedicou-se também à imprensa, não somente escrevendo mais de 140 livros e opúsculos, mas chegando a constituir uma editora pujante e até a fundar uma fábrica de papel. Seus livros - em geral escritos com vistas à formação da juventude - atingiam tiragens espantosas, mesmo para os padrões de hoje.

A fama de Dom Bosco chegou ao Brasil, onde reinava D. Pedro II e onde a Princesa Isabel, herdeira do trono, defrontava-se com o problema de como seria o futuro dos escravos, depois de libertos. Temia que, abandonados pelos antigos senhores, vivessem sem eira nem beira, em condições precárias, formalmente livres, mas de fato presos a um sistema que lhes impedissem o acesso a condições melhores de existência.

A Princesa tinha uma visão muito "avançada" para sua época. Compreendeu que somente a formação profissionalizante poderia ser adequada para naquele contexto assegurar, aos libertos do cativo, uma adequada inserção na sociedade brasileira. E escreveu a Dom Bosco, pedindo que mandasse missionários para o Brasil e oferecendo-se para ajudar. Houve uma troca de cartas entre o santo piemontês e a princesa brasileira. Atendendo ao pedido de D. Isabel, Dom Bosco enviou, em 1881, os missionários Salesianos que iniciaram seu trabalho em Niterói, depois na cidade de São Paulo, em Mato Grosso, em Minas Gerais e muitos outros locais.

A troca de cartas entre Dom Bosco e D. Isabel ficou registrada nas monumentais *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, compiladas pelo Pe. G. B. Lemoyne. Transcreva-se aqui, como conclusão deste artigo, apenas a tradução de uma dessas cartas:

"Turim, 25 de março de 1886

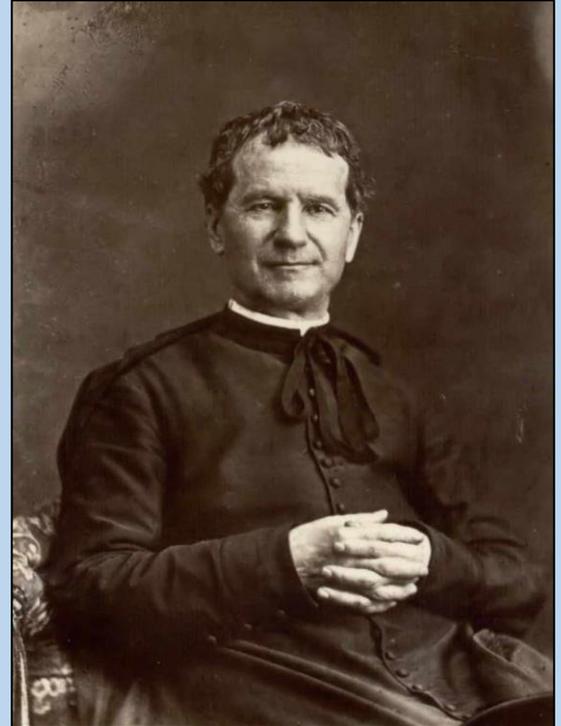
Alteza Imperial, a Divina Providência dispôs que se abrissem duas casas Salesianas no império do Brasil: uma em Niterói, e outra em São Paulo, ambas consagradas a acolher meninos pobres e abandonados. Alguns dos nossos religiosos que aí trabalham e vieram por algumas semanas à Itália me falaram muito da bondade e da caridade de Vossa Alteza Imperial, e por isso me creio no dever de lhe apresentar os meus agradecimentos e recomendar a V. A., e a Sua Majestade o Imperador, todos os Salesianos, que não desejam outra coisa senão salvar almas para o Céu e diminuir na terra o número dos maus elementos. Eles rezam e recomendam a seus meninos que rezem pela saúde e bem-estar de V. A., de Sua Majestade e toda a Família Imperial.

Maria Santíssima proteja a toda a dinastia, pela qual todos os nossos meninos rezam. Quanto a mim, tenho como dever invocar todos os dias na Santa Missa as bênçãos celestes sobre todos os súditos brasileiros. E tenho também a alta honra de me professar humildemente, obrigadíssimo servidor, a) Pe. João Bosco"²

² Carta publicada pelo Pe. Rodolfo Fierro na edição espanhola de *Biografía y escritos di San Juan Bosco* (BAC, Madri, 1955).

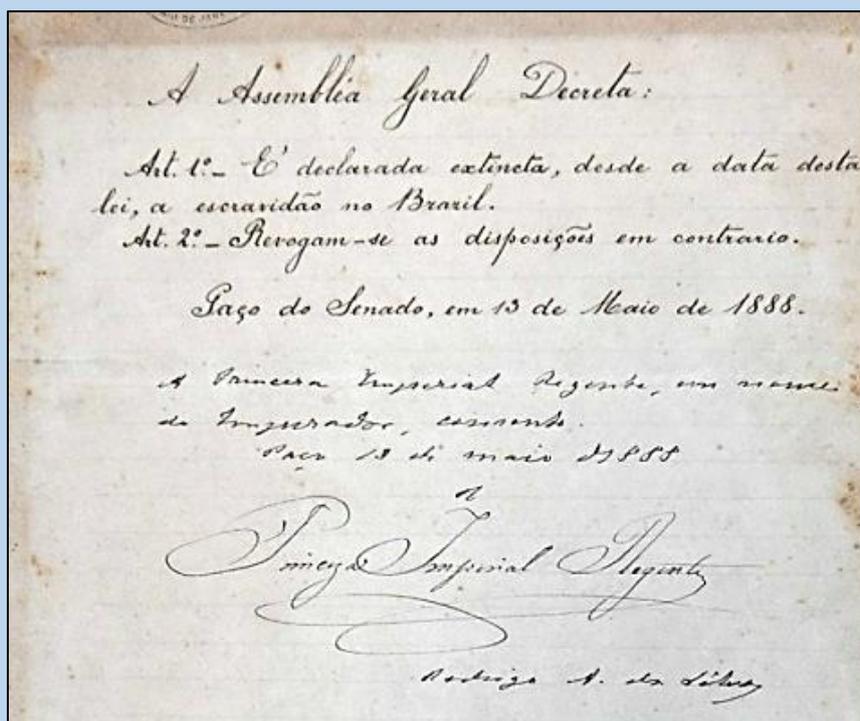
Infelizmente, o golpe republicano de 1889 não permitiu que a Princesa subisse ao trono e completasse a obra redentora dos cativos. O plano grandioso que concebera para a justa e condigna inserção dos antigos escravos na sociedade brasileira foi abortado, ficando sem realização. A República se desinteressou completamente pelos antigos cativos e deixou-os abandonados à sua triste condição. Até hoje, seus descendentes pagam pesado preço por esse abandono.

(*) Armando Alexandre dos Santos é licenciado em História e em Filosofia, pós-graduado em História Militar e doutor na área de Filosofia e Letras. Leciona na Universidade do Sul de Santa Catarina. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Portuguesa da História.

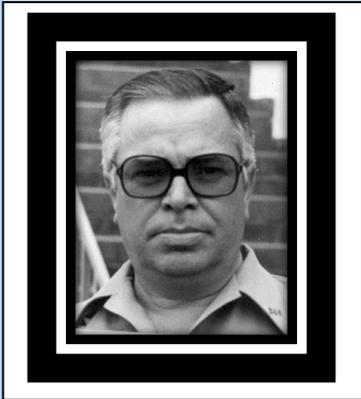


Princesa Isabel com seu neto Dom Pedro Henrique. Foto de aproximadamente 1913.

São João Bosco. Foto de aproximadamente 1875.



DIA DA VITÓRIA - 8 DE MAIO DE 2020
Cel Cláudio Moreira Bento
Historiador Militar e Jornalista



Dia da Vitória - 8 de maio de 1945.

75 anos transcorreram. Foi o epílogo da 2ª Guerra Mundial. E para muitos brasileiros, os bravos expedicionários da FEB, confirmou-se o refrão de sua bela canção.

Por mais terras que eu percorra.

Não permita Deus que em morra, sem que volte para lá.

E que eu leve por divisa.

Este V que simboliza,

A vitória que virá !

A nossa vitória final !

E teve fim mais uma cruenta guerra. Guerra que não provocamos pois, pacifistas, não alimentamos sonhos de conquistas.

Guerra que impôs ao Brasil pesados sacrifícios por muitos anos sentidos. Guerra em que foram imolados 1900 irmãos brasileiros do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, da Marinha Mercante e civis inocentes. Os últimos sem distinção de idade e sexo, nos traiçoeiros torpedeamentos de nossos indefesos barcos mercantes por submarinos nazistas, nas costas brasileiras, em plena paz.

Todas estas vítimas brasileiras são hoje mártires da Liberdade e da Pátria, as quais evocamos e reverenciamos as suas sagradas memórias, no transcurso dos 75 anos do Dia da Vitória.

Vitória da Liberdade contra a Opressão. Evocação e reverência pelos heroicos e por épicos exemplos de brasilidade que nos legaram e pelo sangue generoso que verteram nos longínquos e gelados campos de batalha na Itália, nos céus europeus, em mar alto ou no litoral do Brasil.

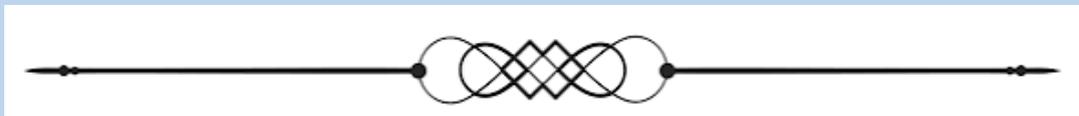
Tudo longe da pátria amada, do calor e do carinho dos entes queridos, em defesa da Soberania do Brasil, da honra de seu auriverde pendão ameaçado e da Democracia e da Liberdade Mundiais.

Que os vossos sacrifícios, como mártires da Democracia e Liberdade Mundial não tenham sido em vão! E para os que tombaram nos campos de batalha, o consolo da afirmação de Péricles, grande político e líder militar grego cujo século no qual viveu recebeu a denominação de “século de Péricles” o qual falou:

“Aquele que morre por sua Pátria faz mais por ela naquele momento que os vivos em todas as suas vidas”.

E a todos vós bravos do Exército que tivestes a felicidade de sobreviver a duros combates e vigílias em terras europeias, que a Pátria Brasileira seja eternamente reconhecida pelos assinalados serviços de Guerra que padeceram, para a maior grandeza do Brasil.

E também que as vossas saudades da Pátria distante e dos amigos e entes queridos, os vossos suores e vossos sangue e as vidas dos bravos que não voltaram vivos e que repousam em monumento condigno continuem a inspirar e alicerçar o presente e o futuro do Brasil no rumo de seu destino de grandeza sob Deus. Que assim seja!



8 de Maio: 75 Anos do Dia da Vitória - Significado para o Brasil

Israel Blajberg (ibljajberg@poli.ufrj.br)

8 de maio de 1945, o Dia da Vitória Aliada na Europa, representou um marco relevante na história do Brasil, único país latino-americano que participou da 2ª Guerra Mundial enviando tropas para a Europa. Centenas de nossos bravos soldados, marinheiros e aviadores fizeram o sacrifício supremo da própria vida na luta para ajudar a libertar o mundo do nazifascismo.

Hitler pretendeu se vingar de uma nação pacífica e ainda rural, lançando uma blitz submarina no litoral brasileiro, com o torpedeamento de mais de 30 navios mercantes, acarretando o sacrifício de mais de 1.500 preciosas vidas de brasileiros inocentes.

Em apenas quatro dias de agosto foram torpedeados 6 navios, desaparecendo no mar 600 patrícios inocentes. Diante do clamor popular nas ruas, o Governo reconhece o estado de beligerância, e em 31 Ago 1942 o Brasil declara o estado de guerra com a Alemanha e Itália.

O povo brasileiro se uniu contra o nazismo. Participamos ativamente do conflito com nossa Marinha combatendo os submarinos nazistas e protegendo comboios, cedendo o uso de bases aéreas e navais, enviando suprimentos estratégicos e formando a FEB - Força Expedicionária Brasileira, com 25 mil soldados e 70 Enfermeiras, e o 1º Grupo de Aviação de Caça (Senta-a-Pua), com 500 integrantes e seis Enfermeiras. Eles estavam a bordo dos navios que fizeram frente à Kriegsmarine do Almirante Doenitz e de Hitler, que cruelmente torpedearam nossos mercantes com a perda de um milhão de preciosas vidas brasileiros. Voaram nos aviões P-47 do 1º Grupo de Aviação de Caça, o Senta-a-Pua. Guarneceram o litoral e ilhas oceânicas. Lutaram em Montese, Monte Castelo, Forno, em todos os lugares onde se afirmou a bravura e determinação do soldado brasileiro, cidadão fardado.

Nomes que representam para o Brasil o mesmo que Stalingrado, o Dia D, Bir Hakeim, El Alamein, a Batalha da Inglaterra, o Levante do Gueto de Varsóvia, enfim, todos os lugares onde a mesma determinação esmagou o pretense Reich milenar que só durou 11 tenebrosos anos, que tanto custaram a Humanidade.

Passados 75 anos, a união nacional e a luta dos nossos bravos soldados na 2ª Guerra Mundial assume um significado cada vez mais atual. O exemplo de sacrifício pela Pátria, tão necessário nos dias de hoje, ficou na história como o maior legado dos combatentes para todos os brasileiros.

No 8 de maio, recordar esta memória será reconhecer os esforços daquela gente brasileira, daquele país pobre e rural dos anos 40, atacado por uma das mais poderosas potências militares da época, pela ultramoderna arma submarina, que soube dar uma resposta à altura, graças ao povo e aos estudantes na rua que fizeram com que o governo de Getúlio declarasse guerra ao Eixo. Foram os cara-pintadas da época.

Hoje o mundo parece sofrer de uma amnésia coletiva e seletiva no que diz respeito a acontecimentos não tão distantes. Faz-se mister combater toda e qualquer manifestação de intolerância, como o neonazismo, o terrorismo fundamentalista, e falácias como a negação do Holocausto, crime terrível.

Transcorridos 75 anos da Vitória, esta data tão significativa deve estar sempre na lembrança dos povos, como um farol da luta pela liberdade e democracia.

DIA DA VITORIA - 8 de maio de 1945 – O PAPEL DO BRASIL NA SEGUNDA GRANDE GUERRA (1939-1945)

NYLSON REIS BOITEUX - Coronel Reformado do Exército. Diplomado pela Escola de Comando e de Estado Maior do Exército

No dia 8 de maio de 1945, o Exército Alemão rendeu-se em Reims, na França. A oficialidade americana, russa e francesa testemunhou esse histórico ato que está completando 75 anos. O tratado impôs o fim das agressões e a notícia correu célere no Mundo, anunciando oficialmente, o marco da **VITÓRIA** sobre a Alemanha nazista, o Terceiro Reich.

Terminava de forma melancólica a Segunda Guerra Mundial, um dos acontecimentos mais dolorosos da história da Humanidade. A 2ª GM envolveu o mundo todo e hoje se comemora a **VITÓRIA** da liberdade, da democracia e da justiça. Da paz sobre a força violenta, onde o respeito pelos direitos humanos foi violentado pelos campos de concentração, as câmaras de gases e o extermínio em massa de homens, mulheres e crianças.

Em janeiro de 1942, em Washington, foi assinada por 25 Nações "A Declaração das Nações Unidas", a qual continha o compromisso dos participantes de sustentarem a guerra até a capitulação final do "Eixo" Alemanha, Itália e Japão.

O Brasil, que inicialmente apenas declarara sua solidariedade aos EE. UU, em 28 de janeiro de 1942 rompe relações diplomáticas e comerciais com os países totalitários. Fiel à sua tradicional política de amizade com os EE. UU e atendendo aos compromissos internacionais, o Brasil concordou em empreender todos os auxílios julgados necessários, tais como: a cessão de bases aéreas e marítimas no Norte e no Nordeste do país.

A represália se fez sentir logo em seguida. Numerosos navios mercantes brasileiros foram afundados em águas brasileiras territoriais pelos submarinos alemães e italianos. Em consequência, foi reconhecido o estado de "beligerância" em defesa da nossa dignidade, da nossa soberania, da nossa segurança e da América.

Quando foi resolvida a participação do Brasil na guerra ficou também estabelecido que a colaboração a ser prestada seria na base de uma Força Expedicionária cuja constituição seria, oportunamente, acertada (FEB). Tiveram grande participação durante o conflito a Marinha de Guerra e a Força Aérea Brasileira (FAB).

A ida das Tropas Brasileiras ao Teatro de Operações da Europa teve um significado histórico especial, pois foi a primeira vez que saíram brasileiros para combater fora do nosso Continente e tomar parte efetiva numa guerra mundial, ao lado dos famosos Exércitos ingleses, americanos e outros Aliados, contra um inimigo potente, cuja belicosidade havia subjugado quase toda a Europa Continental. E foi nos campos de batalha da Itália que o soldado brasileiro demonstrou toda a fibra de que é possuidor e que se iguala aos melhores combatentes do mundo. E a prova dessa afirmação são as palavras elogiosas do General Americano Crittenger, Comandante do IV Corpo do Exército Americano na Itália ao qual a FEB estava diretamente subordinada. Vejamos o que ele disse sobre a FEB após o término da Campanha:

"Estou orgulhoso de ter tido a 1ª Divisão de Infantaria da FEB como parte do IV Corpo na Itália. Os feitos da FEB durante a Campanha terão um lugar proeminente quando for escrita a História da II Guerra".

Para os heróis que não regressaram e que dormem o sono tranquilo dos bravos, o nosso reconhecimento e profunda admiração, repetindo os versos sensíveis do

